

XL Encontro Nacional de Pastoral Litúrgica

CREIO NA COMUNHÃO DOS SANTOS

O Culto dos Santos na Igreja

Fátima: 28 Julho a 1 Agosto de 2014

Introdução

A Igreja é comunhão dos santos (os cristãos)! Antes ainda de estar em comunhão com os santos, a Igreja é *koinonia*, não apenas na união de cada um com Cristo, mas à comunidade, um plural pessoal¹, sobretudo na participação comum a Jesus Cristo nos bens da salvação, especialmente o Baptismo e a Eucaristia. O corpo de Cristo eucarístico é o fundamento do único corpo eclesial de Cristo.

A *communio sanctorum*, a união e o contacto dos santos, recorda dois níveis estreitamente ligados: os *sancta sanctis*, ou seja, a comunhão nas realidades santas pela escuta da Palavra de Deus, pela experiência do mistério na liturgia e a *communio Sancti*, isto é, a participação no único Espírito Santo.

Na declaração ecuménica de Malta, pode ler-se: «todos reconhecemos a existência da Comunhão dos Santos como comunhão daqueles que na terra estão unidos a Cristo, como membros vivos do seu Corpo Místico. O fundamento e o ponto central de referência desta comunhão é Cristo, o Filho de Deus feito homem e Cabeça da Igreja (Ef, 15-16), para nos unir ao Pai e ao Espírito Santo»². A Liturgia, sendo obra da Trindade, é lugar da participação activa, consciente, plena e frutuosa da eclesiologia da comunhão.

1. A Liturgia, participação da comunhão dos santos

No Símbolo dos Apóstolos professamos: «creio no Espírito Santo; na santa Igreja Católica; na comunhão dos santos» e no credo de Niceia-Constantinopla professamos: «creio na Igreja una, santa, católica e apostólica». A regra da fé, ou Cânon, depois chamado Símbolo dos Apóstolos, contém as verdades essenciais, recebidas dos Apóstolos e por eles ensinadas à Igreja. Esta é a razão do nome e não

¹ Cf. At 2,42; Gl 2, 9-10.

² Declaração ecuménica de Malta 1983, 1.

porque o tivessem composto os doze Apóstolos antes de separarem para a missão, como se pretende numa lenda antiga. O Símbolo chegou até nós em várias redacções e o último artigo a ser incorporado é a fórmula «comunhão dos santos»³, que não aparece nem nas Escrituras nem nas mais antigas profissões de fé.

A mesma fórmula aparece na celebração da Iniciação Cristã e na renovação das promessas baptismais da Vigília Pascal, sob a forma de pergunta: «*Credes no Espírito Santo, na santa Igreja católica, na comunhão dos santos, na remissão dos pecados, na ressurreição da carne e na vida eterna?*».

A Igreja é uma realidade dinâmica. Eu pertenço à fé da Igreja. A fé da Igreja está primeiro, ou seja, o corpo está primeiro, existe antes de mim, não o crio eu. A convicção pessoal ou uma particular disciplina de vida não bastam para fazer de um homem cristão. Uma existência cristã pressupõe a incorporação, a participação na comunidade.

Na profissão da fé, a expressão ‘comunhão dos Santos’ é um desenvolvimento da própria Igreja una, santa, católica e apostólica. A comunhão dos Santos é participação nos bens da salvação ou coisas santas e é a união de fé e de amor entre todos os membros do povo de Deus. Com efeito, o bem de um é comunicado ao outro e torna-se bem comum, isto é, a comunhão.

1.1. Comunhão nos Santos Mistérios (*Sancta Sanctis*)

A vida sacramental é um autêntico itinerário de santidade: os sacramentos da Iniciação cristã e a vocação universal à santidade; os sacramentos da remissão dos pecados ou o primado da graça; os sacramentos que edificam a comunidade dos Santos.

Na Liturgia das Horas, quando rezamos o salmo 149 (Laudes Domingo I) aparece o título – alegria dos Santos – para cantarmos de seguida: «Cantai ao Senhor um cântico novo, cantai ao Senhor na assembleia dos santos».

Na maior parte das Liturgias Orientais é uso normal proclamar na elevação dos santos dons antes do serviço da comunhão: Τὰ Ἁγία τοῖς ἁγίοις! *sancta sanctis!* (As coisas santas aos santos). «*Os fiéis, os sancti, são alimentados pelo corpo e sangue de Cristo, os sancta, para crescerem na comunhão do Espírito Santo (Koinonia) e a comunicarem ao mundo*»⁴. Antes de mais, a Eucaristia, pela qual é representada e se

³ Cf. J. COLLANTES, *A fé católica. Documentos do magistério da Igreja, das origens aos nossos dias*, Lumen Christi, Rio de Janeiro 2003; Cf. H. DENZINGER- P. HÜNERMANN, (DH) *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral*, S. Paulo 2007. Cf. Nicetas de Remesiana (actual Sérvia), Bispo (+ depois de 414), catequese aos competentes, explicação do Símbolo, DH 19.

⁴ Catecismo da Igreja Católica 948.

realiza a unidade dos fiéis que constituem um só Corpo em Cristo⁵. Com efeito, as coisas santas, são os sacramentos e principalmente o Baptismo e a Eucaristia.

Originalmente, a *communio sanctorum* seria *communio sancti*⁶, isto é, a comunhão, participação ao poder santo e santificante do Espírito de Deus. O genitivo plural «*sanctorum*» sugere as coisas santas, ou seja, a participação nos bens e nos meios da salvação que são os sacramentos, e os Santos, ou seja, os crentes, os homens e as mulheres santificados pelo Espírito Santo.

O Concílio Vaticano II recorda-nos que Cristo é o modelo de santidade e «*os seguidores de Cristo, chamados por Deus e justificados no Senhor Jesus, não por merecimento próprio mas pela vontade e graça de Deus, são feitos, pelo Baptismo da fé, verdadeiramente filhos e participantes da natureza divina e, por conseguinte, realmente santos. É necessário, portanto, que, com o auxílio divino, conservem e aperfeiçoem, vivendo-a, esta santidade que receberam. O Apóstolo admoesta-os a que vivam como convém a santos*» (Ef. 5,3), *acorro eleitos e amados de Deus, se revistam de entranhas de misericórdia, benignidade, humildade, mansidão e paciência*» (Col. 3,12) e alcancem os frutos do Espírito para a santificação (cf. Gál. 5,22; Rom. 6,22). E porque todos cometemos faltas em muitas ocasiões (Tg. 3,2), precisamos constantemente da misericórdia de Deus e todos os dias devemos orar: «perdoai-nos as nossas ofensas» (Mt. 6,12) (122). É, pois, claro a todos, que os cristãos de qualquer estado ou ordem, são chamados à plenitude da vida cristã e à perfeição da caridade. Na própria sociedade terrena, esta santidade promove um modo de vida mais humano. Para alcançar esta perfeição, empreguem os fiéis as forças recebidas segundo a medida em que as dá Cristo, a fim de que, seguindo as Suas pisadas e conformados à Sua imagem, obedecendo em tudo à vontade de Deus, se consagrem com toda a alma à glória do Senhor e ao serviço do próximo. Assim crescerá em frutos abundantes a santidade do Povo de Deus, como patentemente se manifesta na história da Igreja, com a vida de tantos santos»⁷.

A comunidade sacramental, especialmente na Eucaristia, a Igreja torna-se visível e realização como comunhão dos santos santificados, tantos os já glorificados (a maioria dos que já vivem a plenitude da vida) e até canonizados (uma minoria), como os que ainda peregrinamos. Pensamos, por isso, que é urgente e necessário investir as energias

⁵ Cf. LG 3.

⁶ Cf. C. MILITELLO, *La Chiesa «il corpo crismato»*. Trattato di ecclesiologia, Edizioni Dehoniane Bologna, Bologna 2003, 362-363.

⁷ LG 40.

e forças nas quatro colunas da Igreja que os Atos dos Apóstolos recordam: «Eram assíduos ao ensino dos Apóstolos, à união fraterna, à fracção do pão e às orações»⁸. A acção pastoral da Igreja tem nestes quatro pontos: o ensino dos Apóstolos; a comunhão; a fracção do pão e a oração – o desafio tão antigo e sempre novo da comunhão.

1.1.1. O protocolo final do Prefácio

O ponto culminante de toda a celebração da Eucaristia, a Oração Eucarística, é uma oração de acção de graças e de consagração. «O sentido desta oração é que toda a assembleia dos fiéis se una a Cristo na proclamação das maravilhas de Deus e na oblação do sacrifício»⁹. A acção de graças expressa-se de modo especial no Prefácio, que «em nome de todo o povo santo, o sacerdote glorifica a Deus Pai e dá-Lhe graças por toda a obra da salvação ou por algum dos seus aspectos particulares, conforme a diversidade do dia, da festividade ou do tempo litúrgico»¹⁰.

Chama-se ‘protocolo final’ do prefácio, à fórmula que serve de passagem ao motivo da acção de graças (embolismo), que é um elemento variável em cada prefácio, ao *Sanctus*. Esta fórmula apresenta várias formas, caracterizando-se pela recordação dos coros angélicos, aos quais se associam os santos e toda a Igreja: «Por isso, com os Anjos e os Arcanjos e todos os coros celestes, proclamamos a vossa glória, cantando numa só voz» ou «Por isso, com os Anjos e os Santos, proclamamos a vossa glória, cantando numa só voz».

1.2.2. Comemoração dos Santos na Oração Eucarística

Na Oração Eucarística, o coração da Eucaristia, tem também lugar a comemoração dos santos. É muito evidente da Oração Eucarística I e bastante sóbrio nas outras Orações Eucarísticas. Vejamos alguns destes testemunhos:

- Oração Eucarística I, no chamado *communicantes*, aparece uma lista de 24 santos, 12 Apóstolos e 12 Mártires e todos os santos: «*Em comunhão com toda a Igreja, veneramos a memória da gloriosa sempre Virgem Maria, Mãe do nosso Deus e Senhor, Jesus Cristo, † e também a de São José, seu esposo, e a dos bem-aventurados Apóstolos e Mártires: Pedro e Paulo, André, [Tiago, João, Tomé, Tiago, Filipe, Bartolomeu, Mateus, Simão e Tadeu; Lino, Cleto, Clemente,*

⁸ At 2, 42.

⁹ IGMR 78.

¹⁰ IGMR 79.

Sixto, Cornélio, Cipriano, Lourenço, Crisógono, João e Paulo, Cosme e Damião] e de todos os Santos. Por seus méritos e orações, concedei-nos, em tudo e sempre, auxílio e protecção».

- Na Oração Eucarística I, na comemoração dos defuntos, no *memento*: «E a nós, pecadores, vossos servos, que esperamos na vossa infinita misericórdia, admiti-nos também na assembleia dos bem-aventurados Apóstolos e Mártires: João Baptista, Estevão, Matias, Barnabé [Inácio, Alexandre, Marcelino, Pedro, Felicidade, Perpetua, Águeda, Luzia, Inês, Cecília, Anastácia] e de todos os Santos. Recebei-nos em sua companhia, não pelo valor dos nossos méritos, mas segundo a grandeza do vosso perdão». Aqui além dos Apóstolos e dos Mártires em geral, recordam-se 15 santos. Tal recordação é inserida numa espécie de oração de intercessão pelos ministros da Igreja.

Um elenco parecido e bem articulado surge na ladainha dos Santos, que se canta como grande oração de intercessão: na Vigília Pascal, no sacramento da Ordem, na dedicação da Igreja e do Altar, na profissão religiosa, na Iniciação cristã...

- Na Oração Eucarística III para as Missas com Crianças: «Dai-nos também a graça de um dia estarmos junto de Vós, com a Virgem Maria, Mãe de Deus, e com os Santos do Céu, para vivermos convosco para sempre».
- Na Oração Eucarística I das Missas da Reconciliação: «Ajudai-nos todos a preparar a vinda do vosso reino ate comparecermos diante de Vós, santos entre os Santos na vossa morada celeste, com a bem-aventurada Virgem Maria e os Apóstolos, (São N.) e os nossos irmãos defuntos que recomendamos a vossa misericórdia, para que, na nova criação, finalmente libertos da corrupção da morte, possamos cantar sem fim o hino da acção de graças de Cristo, vosso Filho, eternamente vivo e glorioso».

A recordação dos santos na Oração Eucarística não é de estranhar, porque é mesmo a celebração do mistério da Trindade e do mistério pascal a suscitar a comemoração dos santos, os bem-aventurados do céu com Maria, a toda santa.

Conforme o Concílio Vaticano II recorda: «A Igreja, segundo a tradição, venera os Santos e as suas relíquias autênticas, bem como as suas imagens. É que as festas dos Santos proclamam as grandes obras de Cristo nos seus servos e oferecem aos fiéis os

bons exemplos a imitar»¹¹. No dizer de um autor contemporâneo, os santos são: «dos mais humanos heróis de Deus»¹².

No século I, no Oriente e mais tarde no Ocidente, começou-se a celebrar junto dos túmulos daqueles que testemunharam na vida a fé em Cristo. A celebração, que envolvia a comunidade cristã, ocorria no ‘*dies natalis*’, o aniversário do nascimento para o céu. A Igreja continua hoje a celebrar o mistério pascal realizado nos santos, e o que considera decisivo, é o modo como cada santo viveu pessoalmente o mistério da Páscoa. Hoje, os santos não são só propostos como intercessores e modelos a imitar, mas como personalidades emblemáticas pelo seu papel eclesial e social.

Santo Agostinho advertia: «*Veneramos, portanto, os mártires com um culto de amor e de comunhão, semelhante ao que dedicamos, nesta vida, aos santos homens de Deus, cujo coração sabemos estar já disposto ao martírio em testemunho da verdade do Evangelho. Mas àqueles que já superaram o combate e vivem triunfantes numa vida mais feliz, prestamos este culto de louvor com maior devoção e confiança do que àqueles que ainda lutam nesta vida. Mas o culto que em grego é chamado λατρεία, e que em latim não se pode dizer apenas com uma palavra, e que consiste na adoração devida à divindade, reservamo-lo só a Deus e não o prestamos aos mártires nem ensinamos que se lhes deva prestar. Como a oblação do sacrifício faz parte deste culto de latria – e por isso se chama idolatria a oblação feita aos ídolos – nós não o oferecemos nem mandamos oferecer aos Anjos, aos santos, aos mártires; e, se alguém cai em tão grande tentação, é advertido com a verdadeira doutrina, para que se corrija e tenha cuidado. Os santos, os homens e os Anjos recusam-se a apropriar-se destas honras devidas exclusivamente a Deus. Assim fizeram Paulo e Barnabé quando os habitantes da Licaónia, impressionados com os milagres feitos por eles, quiseram oferecer-lhes sacrifícios como se fossem deuses; mas eles, rasgando as suas vestes, proclamaram que não eram deuses e, deste modo, impediram que lhes fossem oferecidos sacrifícios...*»¹³.

Nos preliminares do martirologio Romano, podemos considerar que: «*daí se deduz que os eleitos no Céu estão mais intimamente unidos a Cristo, consolidam mais firmemente toda a Igreja na santidade, nobilitam o culto que a Igreja presta a Deus cá na terra e contribuem de vários modos para a sua mais eficaz edificação. Imitando o*

¹¹ SC 111.

¹² VALTER H. MÃE, *Desumanização*, Porto 2014, 131.

¹³ AGOSTINHO, *Contra Fausto*, 20, ed. J. L. CORDEIRO, *Antologia litúrgica. Textos litúrgicos, patrísticos e canónicos do Primeiro Milénio*, Secretariado Nacional de Liturgia, Fátima 2004, 701.

seu exemplo, os fiéis, esforçam-se por se ajudarem mutuamente, seguindo os passos de Cristo a caminho do Pai. Contemplando a sua vida em Cristo, buscam a luz que os leva também a compreender os mistérios de Deus. Porque na vida dos Santos, que, participando da nossa natureza humana, se transformam mais perfeitamente à imagem de Cristo (cf. 2 Cor 3, 18), Deus manifesta mais eficazmente aos homens a sua presença e o seu rosto. Neles Deus fala- -nos e dá-nos um sinal do seu Reino. Isto transparece de modo especial naqueles santos que, dotados com dons peculiares do Espírito Santo, se notabilizaram não só pela excelência da sua vida, mas também da sua doutrina»¹⁴.

E ainda: *«pela intercessão dos Santos, em Cristo, eterno e sumo sacerdote (cf. Heb 3, 1; 4, 14; 5, 10; 7, 26; 9, 11), mediador entre Deus e os homens (cf. 1 Tim 2, 5), aumenta cada vez mais a comunhão da Igreja quando se realiza a celebração litúrgica. Isto verifica-se especialmente na celebração da Eucaristia, na qual toda a Igreja se une para dar graças com os eleitos do Céu, em comunhão e comemoração de todos os Santos, e na celebração da Liturgia das Horas, na qual louva sem cessar a Santíssima Trindade com os Santos do Céu»¹⁵.*

1.2.3. Outras orações

* No Precónio pascal, cantado na Vigília Pascal: *«Esta é a noite, que liberta das trevas do pecado e da corrupção do mundo aqueles que hoje por toda a terra crêem em Cristo, noite que os restitui à graça e os reúne na **comunhão dos Santos**».*

* Na colecta das exéquias de uma criança baptizada: *«Deus de bondade infinita, que na vossa divina sabedoria quisestes chamar para Vós esta criança no limiar da sua vida, fazei que, juntamente com ela, que pelo Baptismo recebeu a graça da filiação divina e, como esperamos, já vive para sempre no vosso reino, também nós sejamos admitidos na gloriosa **comunhão dos Santos**».*

* Nas preces de Vésperas do Domingo da Ressurreição: *«Conservai-nos, Senhor, na **comunhão dos Santos** durante a nossa vida sobre a terra e dai-nos a graça de podermos um dia, com eles, descansar dos nossos trabalhos».*

2. A dimensão escatológica da Liturgia

O Credo do povo de Deus de Paulo VI professa de modo eloquente o horizonte escatológico da comunhão dos Santos: *«Nós cremos na comunhão de todos os fiéis de*

¹⁴ Martirológio Romano, Preliminares 18.

¹⁵ Martirológio Romano, Preliminares 19.

Cristo: dos que peregrinam na terra, dos defuntos que estão levando a cabo a sua purificação e dos bem-aventurados do céu: formam todos uma só Igreja; e cremos que, nesta comunhão, o amor misericordioso de Deus e dos seus santos está sempre atento às nossas orações, segundo a palavra de Jesus: “Pedi e recebereis”(cf. Lc 11,9-10; Jo 16,24). E com a fé e na esperança, nós esperamos a ressurreição dos mortos e a vida do mundo que há-de vir».

Na Liturgia, acontece a comunhão entre vivos e defuntos. As exéquias cristãs são sempre acompanhadas pela presença da comunidade que encomenda o defunto à Igreja celeste. O nexa teológico da Liturgia dos funerais com os sacramentos do Baptismo e da Eucaristia abre à eclesiologia expressa em termos de comunhão e fraternidade da comunidade cristã, especialmente, em relação aos familiares do fiel defunto.

Nos preliminares do ritual das Exéquias, apresenta-se claramente a centralidade do mistério de Cristo, morto e ressuscitado, como polo da compreensão do mistério da morte e como abertura escatológica da esperança cristã que compromete toda dignidade das exéquias cristãs: *«A liturgia cristã dos funerais é uma celebração do mistério pascal de Cristo. Nas Exéquias, a Igreja pede que os seus filhos, incorporados pelo Baptismo em Cristo morto e ressuscitado, com Ele passem da morte à vida e, devidamente purificados na alma, sejam associados aos santos e eleitos no Céu, enquanto o corpo aguarda a bem-aventurada esperança da vinda de Cristo e a ressurreição dos mortos. Por isso, a Igreja oferece pelos defuntos o Sacrifício Eucarístico, memorial da Páscoa de Cristo, eleva orações e faz sufrágios por eles, para que, pela comunhão de todos os membros de Cristo, todos aproveitem os frutos desta liturgia: auxílio espiritual para os defuntos, consolação e esperança para os que choram a morte»*¹⁶.

Na Liturgia, passado, presente e futuro estão sempre intimamente unidos. Numa Anáfora Oriental, a Anáfora Antioquena de Teodoro de Mopsuéstia, reza-se na narração da instituição da ceia: *«Nesta liturgia tremenda fazemos memória da morte de nosso Senhor, e recebemos o alimento imortal e espiritual do Corpo e do Sangue de nosso Senhor. Foi por nós que nosso Senhor, ao chegar a hora da Paixão, entregou aqueles alimentos aos seus discípulos, para que, todos nós que acreditamos em Cristo, os recebêssemos deles e por nossa vez os fizéssemos. É por isso que, a partir de então, nós*

¹⁶ Ritual Romano, *Celebração das exéquias*, Preliminares 1.

*celebramos o memorial da morte de Cristo nosso Senhor e, desse modo, recebemos um alimento inefável em que nos é dada uma esperança capaz de nos conduzir à comunhão dos bens futuros».*¹⁷

2.1. Um povo peregrino - Já! E ainda não!

Jesus veio inaugurar o Reino de Deus. A Igreja é a encarnação do Reino de Deus? Já e ainda não. O Reino de Deus só se realizará no fim dos tempos. A Igreja anseia a este acontecimento definitivo.

A Liturgia proclama assim este mistério da fé na celebração da Eucaristia: *«Anunciamos, Senhor, a vossa morte, proclamamos a vossa ressurreição. Vinde Senhor Jesus»*. O mesmo se manifesta na antífona do cântico do Magnificat na solenidade do Santíssimo Corpo e Sangue de Cristo: *«ó sagrado banquete, em que se recebe Cristo e se comemora a sua paixão, em que a alma se enche de graça e nos é dado o penhor da futura glória»*. Cristo é o centro da Liturgia da Igreja.

Na verdade, a Liturgia é o lugar da escuta da palavra, da experiência do mistério pascal de Cristo e a visão da glória. Por tudo isto, o Catecismo da Igreja Católica afirma que a Liturgia é acção da Santíssima Trindade: *«liturgia opus Trinitatis»*¹⁸. O ministério ou serviço de Deus por Cristo, no Espírito é a marca identificativa da Liturgia. O Pai é a fonte e o fim da liturgia. Nele, Cristo significa e realiza o seu mistério pascal. O Espírito Santo torna presente e actualiza a obra salvífica de Cristo e faz frutificar o dom da comunhão na Igreja.

3. Eucaristia e Igreja, Sacramento da Comunhão.

A Igreja não vive a partir de si mesma, mas a partir da Eucaristia, que gera a comunhão: *«A Igreja, ou seja, o Reino de Cristo já presente em mistério, cresce visivelmente no mundo pelo poder de Deus. Tal começo e crescimento exprimem-nos o sangue e a água que manaram do lado aberto de Jesus crucificado (cf. Jo. 19,34), e preanunciam-nos as palavras do Senhor acerca da Sua morte na cruz: “Quando Eu for elevado acima da terra, atrairei todos a mim” (Jo. 12,32.). Sempre que no altar se celebra o sacrifício da cruz, na qual “Cristo, nossa Páscoa, foi imolado” (1 Cor. 5,7), realiza-se também a obra da nossa redenção. Pelo sacramento do pão eucarístico, ao*

¹⁷ Anáfora Antioquena de Teodoro de Mopsuéstia, ed. J. L. CORDEIRO, *Antologia litúrgica. Textos litúrgicos, patrísticos e canónicos do Primeiro Milénio*, Secretariado Nacional de Liturgia, Fátima 2004, 1123.

¹⁸ Catecismo da Igreja Católica 1077.

mesmo tempo é representada e se realiza a unidade dos fiéis, que constituem um só corpo em Cristo (cf. 1 Cor. 10,17). Todos os homens são chamados a esta união com Cristo, luz do mundo, do qual vimos, por quem vivemos, e para o qual caminhamos»¹⁹.

Santo Agostinho, ao definir a Eucaristia como sinal de amor e vínculo da unidade, fez história e encontra-se em toda a tradição posterior, incluindo são Tomás de Aquino, que a constituição sobre a sagrada liturgia confirmou: «O nosso Salvador instituiu na última Ceia, na noite em que foi entregue, o Sacrifício eucarístico do seu Corpo e do seu Sangue para perpetuar pelo decorrer dos séculos, até Ele voltar, o Sacrifício da cruz, confiando à Igreja, sua esposa amada, o memorial da sua morte e ressurreição: **sacramento de piedade, sinal de unidade, vínculo de caridade**, banquete pascal em que se recebe Cristo, a alma se enche de graça e nos é concedido o penhor da glória futura»²⁰.

Esta mesa de peregrinos conduz-nos ao banquete do Reino: «felizes os convidados para a ceia do Senhor». Assim o repetimos em cada celebração da Eucaristia lugar onde somos alimentados pelo corpo de Cristo e onde se manifesta visivelmente a unidade do Povo de Deus.

Conclusão

S. Cirilo de Jerusalém, no séc. IV, numa catequese mistagógica, dizia ao explicar a comunhão: *«Depois disto, o pontífice diz: As coisas santas aos santos. As coisas santas são as oferendas colocadas no altar e que receberam a vinda do Espírito Santo. Santos sois também vós, julgados dignos do Espírito Santo. As coisas santas convêm, portanto, aos santos. Em seguida, dizeis: Um só é o Santo, um só o Senhor, Jesus Cristo. Na verdade, Ele é o único santo por natureza; nós, ao contrário, não o somos por natureza, mas por participação, pelas obras e pela oração. Ouvis, em seguida, a voz do cantor, convidando-vos, com uma melodia divina, à comunhão dos santos mistérios e dizendo: Provai e vede como o Senhor é bom»²¹.*

O sentido originário da *Koinonia* ou *communio sanctorum* «não é a comunhão entre os cristãos, mas a participação comum dos cristãos a Jesus Cristo, ao Espírito

¹⁹ LG 3.

²⁰ SC 47.

²¹ CIRILO DE JERUSALÉM, V catequese mistagógica, 19, ed. J. L. CORDEIRO, *Antologia litúrgica. Textos litúrgicos, patrísticos e canónicos do Primeiro Milénio*, Secretariado Nacional de Liturgia, Fátima 2004, 495.

Santo, ao Evangelho e particularmente à Eucaristia»²². Ou melhor, diz santo Ambrósio: «Beijamos a Cristo com o ósculo da comunhão... Não se trata do ósculo dos lábios, mas do coração e da alma»²³.

De facto, a fórmula «comunhão dos santos» não significa originariamente a comunhão dos santos (*sancti*), ou seja, os fiéis e a comunhão com os santos do céu, mas a comunhão com as coisas santas (*sancta*), isto é, a comunhão e a participação comum com os bens da salvação. Por outras palavras, a comunhão nos santos mistérios ou a comunhão dos sacramentos.

A comunhão comum nos *sancta* é que fundamenta a comunhão dos *sancti*.

A fonte da santidade e da comunhão dos santos é a Trindade, o Deus três vezes santo: como rezamos na Oração eucarística II: «Vós, Senhor, sois verdadeiramente santo, sois a fonte de toda a santidade»²⁴. A Liturgia é capaz de narrar num espaço celebrativo concreto o espaço prometido. O espaço, o tempo, o corpo, os gestos e as palavras traduzem a santidade de Deus no aqui e agora da história e chamam-nos à comunhão possível até que um dia seja plena.

+ José Manuel Cordeiro

²² W. KASPER, *La Chiesa di Gesù Cristo. Scritti di ecclesiologia*, Queriniana, Brescia 2011. 36.

²³ AMBRÓSIO, Carta 41, 15-16, ed. J. L. CORDEIRO, *Antologia litúrgica. Textos litúrgicos, patrísticos e canónicos do Primeiro Milénio*, Secretariado Nacional de Liturgia, Fátima 2004, 548.

²⁴ Oração Eucarística II.